

MEMÓRIAS DA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (1970-1976)

Douglas de Almeida Silva¹, Juliana Eliza Viana², Michelle Ferreira Auciello³, Prof^a Dr^a Valeria Regina Zanetti⁴

1,2,3,4- Núcleo de Pesquisa Pró-Memória São José dos Campos – Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica – IP&D – Univap Av. Shishima Hifumi, nº2911, Urbanova – CEP 12244-000 – São José dos Campos – SP, lobdas@yahoo.com.br, ju_eviana@hotmail.com, oimigrela@yahoo.com.br, vzanetti@univap.br

Resumo- Este trabalho tem como objetivo refletir a respeito da trajetória da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Elmano Ferreira Veloso de São José dos Campos (FAUSJC). Para tanto, analisamos o momento de sua abertura e sua proposta pedagógica, relacionando documentos públicos, disponíveis no Arquivo do Estado de São Paulo, documentos pessoais de professores e ex-alunos a respeito do tema e diversos depoimentos orais de ex-professores e ex-alunos da FAUSJC. Tal análise possibilita uma reflexão a certa do contexto histórico em que tal Faculdade estava inserida, levando-nos a levantar uma discussão a respeito dos motivos que levaram ao seu fechamento.

Palavras-chave: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Elmano Ferreira Veloso, Memórias, Governo Militar, FAUSJC, São José dos Campos.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Elmano Ferreira Veloso de São José dos Campos (FAUSJC) foi mantida pela Fundação Valeparaibana de Ensino (FVE), que atualmente está vinculada à Universidade do Vale do Paraíba (Univap). Conhecida pelos alunos por "Faujoca", a faculdade funcionou entre os anos de 1970 e 1976, num contexto de ditadura militar (ZANETTI, no prelo).

Em 1968 houve uma Reforma Universitária promovida pelo governo militar, pressionado pela grande demanda de vagas para o ensino superior. Nesse contexto, de acordo com Martins, havia cerca de 162 mil alunos sem vagas para ingressarem no ensino superior (apud ZANETTI, no prelo). A partir da Reforma Universitária, nota-se uma mudança na caracterização do ensino privado, que ganha uma conotação mais empresarial, tendo o lucro como principal objetivo (Idem).

A década de 70 foi marcada pelo prestígio do planejamento urbano e da arquitetura. Segundo Emínia Maricato, o regime militar foi o período de maior crescimento urbano no país. Incentivava-se a proliferação de órgãos municipais de planejamento e escolas de arquitetura pelo interior do Brasil. Para o governo militar, o planejamento viria superar o crescimento descontrolado das cidades. Porém, grande parte dos urbanistas desenvolveram projetos sem consultar a realidade

social brasileira (MARICATO: 139 et ali, ARANTES, 2000).

Diante dessas questões, a partir de entrevistas de contemporâneos da FAUSJC e dos documentos do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS), buscamos percorrer a trajetória dessa importante Faculdade de vida tão efêmera, refletindo sobre sua abertura, suas propostas curriculares e os motivos que levaram ao seu fechamento.

Metodologia

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, nos embasamos em documentações do DEOPS, disponíveis no Arquivo Público do Estado de São Paulo e em documentos do acervo pessoal de Pedro Ribeiro Filho. Além disso, contamos com produções acadêmicas a respeito do tema e uma série de depoimentos orais recolhidos pela equipe do Núcleo de Pesquisa Pró-Memória, nos quais professores e ex-alunos relatam suas experiências.

Discussão

Em 1970, durante o governo do general Médici, o cenário nacional era marcado por um acirrado confronto entre militares e comunistas. No interior paulista, na ascendente São José dos Campos, surgia para a Fundação Valeparaibana de Ensino uma proposta para a fundação de uma faculdade

de caráter inovador: a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Elmano Ferreira Veloso.

Segundo o ex-aluno da Faujoca Pedro Ribeiro Filho, o prof. Vicente e Paulo Borges Bicudo, diretor da faculdade, divulgara a proposta da FAUSJC por todo Brasil. Apresentando uma proposta de ensino mais humanista, contrapunha-se às propostas convencionais oferecidas no Mackenzie e mesmo na USP, que na época tinha seu curso ligado a Politécnica (RIBEIRO FILHO,2010).

Segundo o ex-diretor da FAUSJC, Prof. Dr. José Eduardo Lefevre, a intenção do Presidente da Fundação Valeparaibana de Ensino (FVE), Prof. Jamil Mattar de Oliveira¹, era transformar a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Elmano Ferreira Veloso em Instituto de Projeto e Comunicação (IPC), baseado nos modelos e ideias do Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília. Inspirado no modelo de Brasília, o IPC ofereceria aos graduandos uma formação em diversas especialidades (LEFEVRE, 2011).

O Projeto Pedagógico do curso de Arquitetura da FAUSJC, era composto de quatro semestres básicos e quatro semestres direcionados às áreas profissionalizantes de interesse de cada graduando. Os dois últimos semestres eram destinados ao desenvolvimento do projeto do aluno na área escolhida. O corpo docente desenvolveria suas atividades em pesquisa nas unidades interdepartamentais (RIBEIRO FILHO,2010).

Os graduandos tornavam-se agentes participantes na elaboração da proposta didática do curso. Desta forma, docentes e discentes elaboraram projetos de interação com a comunidade joseense criando equipes mistas de trabalho, mini-centros, estabelecendo convênios com os industriais da cidade, entidades oficiais e de classe (idem).

Segundo Pedro Ribeiro Filho, a escolha de São José dos Campos como sede da FAUSJC se deu por causa da sua localização geográfica, localizada entre as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, além do fato de abrigar grandes centros federais de pesquisa como o INPE e o ITA. Outro fator de peso na escolha de São José foi a presença do Centro Técnico Aeroespacial (CTA) na cidade, podendo-se ter à frente da faculdade um militar (Brigadeiro-do-Ar Paulo Victor da Silva), fato que manteria a faculdade distante do controle das unidades militares da região, como por exemplo, o 6º RI - Caçapava. Segundo Pedro

¹ O presidente da FVE era o prof. Ernesto Basille, enquanto Jamil Mattar de Oliveira era o Coordenador Geral da FVE (Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010).

Ribeiro Filho, após o turbulento período da década de 1960, marcado pela perseguição dos estudantes do ITA, a posse do brigadeiro Paulo Victor a frente do CTA centralizou todas as medidas de segurança nacional pelo comando da aeronáutica da região (RIBEIRO FILHO,2010).

Pedro Ribeiro Filho (2010) analisa a cidade de São José dos Campos como o único lugar no Brasil onde seria possível a instalação da Faujoca, devido à presença do CTA, desviando os olhares do governo militar. Diante disso, o leitor é convidado a questionar: até que ponto o projeto inovador da Faujoca poderia perdurar neste contexto de governo militar?

A Faujoca foi criada em 1970, depois do parecer do MEC, na qualidade de primeira escola particular de Arquitetura e Urbanismo permitida a funcionar no estado de São Paulo, pós reforma de 1968. A Faculdade, ao contrário das outras instituições de ensino superior, funcionou sem regimento aprovado pelo Conselho Federal de Educação (CFE). Segundo Suzane Moreira, houve favorecimento da FVE pelo MEC (Apud ZANETTI, no prelo), mas isso lhe trouxe, ao mesmo tempo, sérios problemas ligados ao credenciamento do curso.

Segundo Pedro Ribeiro Filho, a FAUSJC não possuía estrutura para o funcionamento do curso e por isso, os alunos utilizavam as instalações da Faculdade de Direito e os materiais do curso de Engenharia. Devido à falta de infra-estrutura, havia dificuldades por parte do diretor em implementar o IPC (RIBEIRO FILHO, 2010).

Mesmo funcionando com dificuldades, a proposta do IPC se difundida ante aos graduandos com uma visão de uma arquitetura voltada para questões mais humanística. Segundo Ribeiro Filho, o corpo docente estabeleceu um trabalho único para todas as disciplinas logo no primeiro semestre de 1970. Os alunos fariam uma releitura da cidade, cada grupo analisaria uma região e seus aspectos como: tipologia, plantação, transporte, social, etc (RIBEIRO FILHO, 2010).

Para o ex-aluno, o IPC tinha

“uma proposta cultural. Os próprios trabalhos de arquitetura promoviam expressões, não necessariamente nos velhos esquemas de plantas, mas em expressões audiovisuais, de um projeto muito mais aberto” (Idem).

Analisando o depoimento do ex-aluno, nota-se um sentimento afetivo deste pela FAUSJC. Tais lembranças diferenciam-se do início da narrativa, onde o narrador lembra-se da FAUSJC de uma forma generalizada. Ao se aprofundar em suas memórias sobre o IPC, Ribeiro Filho relembra uma experiência individual. Sua narrativa está imersa no profundo da memória coletiva, a memória de seus contemporâneos da FAUSJC.

Nem todas as lembranças coletivas são acontecimentos individuais, mas sim, lembranças divididas por colegas, professores e funcionários da faculdade. Assim como diz, Halbwachs, toda memória é coletiva (HALBWACHS,1950:25,26). Parte da memória estritamente individual de Ribeiro Filho é caracterizada pelo trabalho realizado no primeiro ano da Faujoca. Pelos relatos do ex-aluno, imerso nas lembranças da Faujoca, a experiência de uma graduação mais humanista foi marcante entre os alunos.

Desde o primeiro ano era acentuada a crise desta faculdade. Lefevre, que dirigiu a faculdade nos anos seguintes à sua criação relembra dos sérios problemas financeiros da faculdade. Logo no início da sua gestão havia, por parte da FVE, interesse em reformular o projeto de ensino da FAUSJC (LEFEVRE, 2010).

Segundo Pedro Ribeiro Filho, as aulas foram paralisadas e, em reação as manifestações estudantis tanto na Faujoca como em outras cidades, foi nomeada uma comissão interventora para analisar o caso (Ribeiro Filho, 2010).

Em documento do DEOPS de 18 de agosto de 1970, os professores restantes do primeiro corpo docente anunciavam ao presidente do Diretório Acadêmico suas demissões, devido às reivindicações não atendidas. Entre elas a permanência da proposta da FAUSJC de acordo com a reforma universitária (Arquivo do Estado de São Paulo). No mesmo dia, os alunos enviavam um ofício ao Ministro da Educação Jarbas Passarinho, informando o motivo do movimento: a sustentação do IPC (Idem).

Os alunos prestaram suas reivindicações à Câmara Municipal de São José dos Campos e entraram em contato com os comandos militares da região. Suzane Moreira insere o relato de um tenente coronel do exército que chamava os responsáveis pela instalação da FAUSJC de “embusteiros” que fundavam escolas sem condições de sustentá-las (MOREIRA, 1989).

Diante da saída do corpo docente, o novo diretor da FAUSJC Aloísio Rosa Monteiro, procurou reconstituir o corpo docente original. Porém, alguns professores como Ricardo Othake, Murilo Marx, Léo Bonfim, Jean Claude Bernadê, dentre outros, não voltaram a lecionar na faculdade (LEFEVRE,2010). Para recompor as falhas deixadas pelo corpo docente original, Aloísio Rosa convidou profissionais de arquitetura mais ligados à proposta convencional do Mackenzie. Apesar disso, novos professores com proposta de trabalho mais abertas, como Emilia Maricato, Mayumi de Souza Lima e arquitetos de São José dos Campos, como Luis Erasmo, Romeu Simon, foram incorporados a FAU de São José dos Campos (RIBEIRO FILHO,2010).

A Faculdade de Direito dividiu espaço com FAUSJC a até 1972. A partir da direção de Aluísio Rosa Monteiro a faculdade foi transferida para a Av. São João em uma parte locada pelo Seminário Diocesano de São José dos Campos. Para Lefevre, a localização isolada do seminário foi vantajosa para a implementação dos projetos inovadores da Faujoca (LEFEVRE,2010).

Lefevre foi convidado pelo prof. Paulo Bastos, professor integrante do primeiro corpo docente, a lecionar na FAUSJC. Juntamente com ele vieram professores da FAUSANTOS. Neste momento, a nova direção da FAUSJC foi convocada pela FVE para reorganizar a proposta de ensino indevidamente custosa à FVE. O IPC foi reformulado, mas grande parte de suas características como, por exemplo, as unidades interdepartamentais, permaneceram. Porém, a pressão da FVE para que a proposta do IPC fosse reformulada levou o prof. Paulo Bastos a deixar a faculdade (LEFEVRE,2010).

Em 1974, a faculdade foi fechada para análise de uma comissão interventora (Idem). Nota-se diversas contradições entre as memórias dos entrevistados com relação à opinião a respeito das crises da FAUSJC .

Pode-se refletir acerca dos conflitos que envolvem a FAUSJC, a FVE e o governo. Mas, que conflitos eram esses e o que causava tais crises? Seria o posicionamento militante dos professores e alunos um fato a se considerar?

O ex-vereador de São José dos Campos, Luiz Paulo Costa, teve contato com os estudantes e professores da FAUSJC como correspondente do jornal Estado de São Paulo. Segundo ele, todos os professores tinham posicionamento político e muitos tinham histórico nas delegacias do DOPS, como ele próprio (COSTA, 2010).

O movimento estudantil da década de 1970 passava por alterações em sua liderança. Com o golpe de 1964, o ITA deixava de ser a principal força estudantil da cidade.

Após a criação da Faujoca, os estudantes de arquitetura tornam-se a principal força estudantil do início dos anos 70, superados logo depois pela força do movimento da Faculdade de Odontologia. Em pequena instância, a luta estudantil era a favor da autonomia política de São José dos Campos² e, em maior instância, a luta dos estudantes de São José era “contra a ditadura a favor da democracia (Idem, 2010).

A Faujoca, a ETEP, o Centro Acadêmico Santos Dumont, dentre outros, eram filiados à

² A cidade retornou ao regime de prefeitos nomeados no final dos anos 60 com a cassação do prefeito Marcondes Pereira substituído por Elmano Ferreira Veloso e finalmente já nos anos 70, pelo coronel Sergio Sobral de Oliveira. Presença real da ditadura no executivo joseense.

União Estadual dos Estudantes (UEE) e a União Nacional dos Estudantes (UNE). Realizavam suas reuniões abertamente no CTA ou às escondidas na sede do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), no porão da Câmara Municipal de São José dos Campos. Muitas vezes, recebiam a visita de indivíduos ligados à luta armada que ali buscavam novos combatentes (COSTA, 2010).

O DEOPS tinha pleno conhecimento do histórico político dos professores da FAUSJC. Em primeiro lugar, Luis Erasmo Moreira, responsável pelo projeto da portaria de entrada do CTA (Idem, 2010), havia sido preso em 1964 na Base Aérea de Itapema no município de Guarujá, localizado no litoral norte paulista. Em segundo, Clóvis José de Oliveira Souza, antigo professor do ITA, foi expulso da instituição juntamente com diversos professores em 1964 (Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010).

Segundo Luiz Paulo, ambos foram presos em 1965 pelo DOICODI. Clóvis foi um dos torturados nesta ocasião e, quando era professor da Faujoca, foi preso em 1976 no Congresso da UEE em São Bernardo do Campo – SP. Mesmo afastado da faculdade, mantinha uma liderança decisiva no Diretório Acadêmico. Seguiram diversos nomes: Sergio Zaratín, Walter Luiz Rogério, Luiz Jorge Werneck Vianna, entre outros (APESP, 2010).

Em documento do DOPS, de 1975, percebemos o conhecimento, pelo governo militar, da maioria dos membros do Diretório Acadêmico (DA). Outros documentos demonstram a interação dos graduandos em arquitetura com estudantes da USP, UFMG, entre outras universidades. O governo também tinha conhecimento das reuniões secretas na Câmara Municipal com o MDB, presididas por Luiz Paulo Costa. Possuíam informações sobre os líderes do movimento estudantil da cidade. Dentre os estudantes da Faujoca destacam-se: Mariane Elisa Figueiredo, Beatriz Paquiri, Renato de Andrade Maia Retz, Marcio Laurindo de Oliveira, José Zauardo H. Neves (Idem). Luiz Paulo cita Eliana Pinheiro, irmã da ex-primeira dama da cidade na gestão Emanuel Fernandes (1996 - 2004), candidata a um cargo do Partido Comunista Brasileiro (PCB) (COSTA, 2010).

Entre os documentos do DEOPS havia a ocorrência de reivindicações estudantis contra a demissão de diversos professores como Luis Erasmo, Warter Maffei, e outros. Os alunos se declaravam também contra a prisão de presos políticos. Uma ocorrência não datada pelo Ministério da Aeronáutica alertava os poderes responsáveis sobre um Comitê em Defesa dos Presos Políticos a ser realizado na FAUUSP em manifesto à prisão de “Maranhão e sua mulher, Chico de Oliveira e Jorge do Equipe”, professores de São José dos Campos (APESP, 2010).

Qual era a principal reivindicação dos estudantes? Foram aprendidos pela Delegacia de São José panfletos que supostamente pertenciam aos estudantes de arquitetura onde se faziam críticas à formação técnica do ensino superior do país, e exigiam participação política de estudantes e professores nas escolas, autonomia universitária, livre expressão de pensamento, interação com a comunidade, reconhecimento das entidades e ensino gratuito a todos.

Percebemos a crítica ao ensino técnico do país como uma reação as revisões feitas na proposta de ensino da FAUSJC. Em instância maior exigiam a defesa das liberdades democráticas, o fim do AI-5, a anistia dos presos políticos, o pluripartidarismo e a assembléia constituinte. Tais reivindicações levaram à panfletagem ocorrida na Praça Afonso Pena e na Rua Sebastião Humel (Idem).

Pode ser atribuído ao IPC as desavenças entre FVE, Faujoca e governo? Segundo Lefevre, o IPC era avaliado pela Fundação como um projeto deveras custoso. Ou seja, havia questionamentos por parte da FVE sobre a real necessidade da estrutura do curso de arquitetura da Faujoca, tão reivindicada pelo corpo docente. (Lefevre, 2010).

Outro fator de peso era a presença militar. Antonio Guimarães, ex-aluno do curso de arquitetura, analisa o ambiente de paranóia dos tempos de ditadura como um fator a se considerar. Não era possível saber se a presença de militares entre os estudantes era ativa ou velada (GUIMARÃES, 2010). Álvaro Ferreira Lemos, um dos professores interventores da FAUSJC, ao narrar suas lembranças descreve o período como uma época de “revolução” (LEMOS, 2010).

Paul Ricoeur analisando o esquecimento da memória, afirma que um dos aspectos do esquecimento é o inesquecível (RICOEUR, 2007), ou seja, o acontecimento marcante torna-se vivo na memória do indivíduo mesmo durante muitos anos. Álvaro Lemos revive os momentos do “perigo vermelho” e “a presença dos milicos” através destas lembranças.

Para preencher as lacunas deixadas pelas memórias dos depoentes, utilizamos um documento não datado do DEOPS que analisava um relatório da FVE sobre o fechamento da Faculdade de Belas-Artes de Paris, devido a sua linha político-filosófica advinda da União Internacional dos Arquitetos de 1968. O IPC era inspirado nesta reunião, e dela foi extraído o seguinte relato: “tudo errado na política-social e economicamente no mundo ocidental”, e mais adiante, “a intenção é de que o ensino se dirija a fornecer “informações” a este estado de coisas” (AESP). As aspas na palavra ‘informações’ demonstram o questionamento dos militares

quanto à linha político-filosófica de Paris, e conseqüentemente do próprio IPC (AESP).

O professor interventor Aroldo Borges Diniz destacou diversas irregularidades em seu relatório à Faujoca em 5 de março de 1975, após a saída de Aluísio Rosa da direção. As principais irregularidades estão relacionadas ao IPC: utilização de um sistema didático diferente do estabelecido pelo Conselho Federal de Educação (CFE) e sistema de ensino irregular com unidades interdepartamentais, canceladas no regimento atual em face a diligência do MEC (AESP). Através das entrevistas percebemos a tentativa de sustentação irregular dos antigos moldes do IPC.

Pedro Ribeiro Filho e Antonio Guimarães relatam suas experiências realizadas nas favelas da cidade. Pedro Ribeiro estudou a comunidade do Banhado e Linha Velha, Antonio por sua vez, analisou a comunidade do Morro do Piolho. Ribeiro Filho, juntamente com sua turma, realizou um trabalho para um instituto da capital, sobre um levantamento fotográfico de todo o litoral paulista (Ribeiro Filho, 2010; Guimarães, 2010).

Pedro Ribeiro Filho, Antonio Guimarães, Eduardo Lefevre, Álvaro Lemos, Luiz Paulo Costa, concordam sobre o conservadorismo da sociedade joseense tradicional diante da postura mais desafiadora dos estudantes da Faujoca aos padrões de comportamento tradicionais. Os sujeitos sociais que conviveram no ambiente da Faculdade de Arquitetura de SJJC vinham da geração "power flower". Eles inseriram uma "contracultura" na cidade, um novo modo de se vestir, de se comportar, de se expressar, etc. Outro fator a se considerar era a falta de compreensão de representantes da FVE pela proposta de ensino da Faujoca.

No documento do DOPS, de fevereiro de 1975, destacam-se diversas irregularidades encontradas pelo presidente da FVE, Clemente Gomes, entre elas estava a situação irregular dos professores no curso (AESP, 2010).

Segundo Antonio Guimarães, houve um momento, provavelmente em 1975, em que diversas instituições de ensino da cidade reuniram-se a fim de debater sobre a proposta da FAUSJC. Era recorrente entre os graduandos que os elementos da Associação Joseense de Ensino não compreendiam a proposta de ensino da Faujoca. Segundo Guimarães, era difundida a idéia de que a proposta da FAUSJC estava ligada à construção de "projetos faraônicos". Na visão de Guimarães essa era uma opinião equivocada, uma vez que a Faujoca tinha atenção voltada à atender as necessidades do setor social.

Na crise da FAUSJC, de 1974, foi feita uma reformulação do quadro de professores, causando a demissão de cerca de 80% do corpo docente. A faculdade ficou paralisada, e, em contrapartida, o

Ministério da Educação indicou uma comissão de professores ligados à Associação Brasileira de Escola de Arquitetura (ABEA) para visitar a Faujoca. Nessa comissão encontravam-se os professores Pascoalini Magna Vita e Nestor Goulart Mendes, que fizeram um relatório recomendando ao Ministério da Educação que a Faculdade fosse "reconstituída nos mesmo moldes daquela experiência anterior" (LEFEVRE, 2010).

Por solicitação do MEC, um Colegiado Diretivo da Universidade assumiu a presidência da Fundação no lugar do prof. Clemente Gomes, a fim de definir o futuro da Faujoca. Em meados de 1974, José Eduardo Lefevre foi eleito diretor pró-tempore da faculdade e no ano seguinte, fez diversas viagens na tentativa de solucionar os problemas da Faujoca. Dentre algumas possibilidades estava a integração da Faculdade à Unesp, ou a transferência da faculdade para Ribeirão Preto. Nenhuma das tentativas teve resultado (Idem, 2010).

Lefevre permaneceu à frente da FAUSJC até 1975, substituído pelo prof. José de Carvalho Florence (LEFEVRE, 2010). O *Estado de São Paulo* publicou a reunião final da FAUSJC, realizada no dia oito de julho de 1976 (APESP, 2010). Nesta intervenção todo o corpo docente foi renovado (LEMOS, 2010).

Nestes instantes finais, os alunos publicaram panfletos incitando os graduandos a assegurarem o reinício das aulas. Alertavam das conseqüências negativas da transferência para outras faculdades e convocavam os alunos a participarem de uma reunião final no DA para debater sobre a questão, mesmo que fosse necessário abandonar a proposta didática por uma proposta convencional do ensino de arquitetura (AESP, 2010).

Na reunião, a FVE aprovou todas as monções dos alunos e professores. Para Álvaro, tratava-se de uma estratégia para fechar a faculdade. No dia seguinte, Álvaro, Aroldo e demais professores interventores retiraram todos os documentos de suas passagens pela FAUSJC. A Faujoca havia sido fechada (LEMOS, 2010).

Devido à falta de reconhecimento do MEC pelo curso da FAUSJC, os graduandos das primeiras turmas da faculdade não receberam o diploma durante a conclusão do curso. Pedro Ribeiro concluiu o curso em 1974, mas apenas recebeu o diploma ao realizar uma segunda defesa de seu trabalho de graduação na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Braz Cubas em 1977. Os universitários prejudicados pelo fechamento da faculdade concluíram seus cursos na Braz Cubas e na PUC de Campinas (MOREIRA NETO, 2010).

Considerações finais

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Elmano Ferreira Veloso de São José dos Campos – SP formulou sua proposta de ensino baseada nas reformas universitárias de 1968, opondo-se a visão tecnicista do ensino de arquitetura. As duas propostas eram incompatíveis em contexto de ditadura militar. A visão tecnicista utilizava o planejamento urbano como tripé para o crescimento econômico do país, enquanto a reforma de 68 desenvolvia soluções para problemas sociais brasileiros.

A proposta de ensino da Faujoca, o IPC, demonstrou-se “custosa” para a FVE. O governo militar por sua vez permanecia sempre vigilante as sucessivas crises administrativas da faculdade.

Durante as crises, alunos e professores lutaram pela mesma causa: lutaram por um ensino superior diferenciado, voltado a solução dos problemas sociais.

Embora nossa pesquisa seja de curto fôlego, esperamos que novas pesquisas possam dar continuidade a nossa contribuição a história da FAUSJC.

Fontes

ACERVO PESSOAL DE PEDRO RIBEIRO MOREIRA NETO. Instituto de Projeto e Comunicação.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS). Pasta 1, Pasta 4, Pasta 6.

Referências

MARICATO, Ermínia. *As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias – Planejamento Urbano no Brasil*, in ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.

MARTINS, Carlos Benedito. *A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil*. Educ. Soc. Campinas, Vol. 30, n. 106, jan/abr. 2009.

MOREIRA, Suzane Maria. *O ensino de Arquitetura e Urbanismo nos anos 70. A experiência da FAUSJC*. Dissertação de Mestrado em Educação Unicamp, 1989.

Depoimentos Orais

COSTA, Luiz Paulo. 2010

GUIMARÃES, Antonio. 2010

LEFEVRE, José Eduardo. 2011

LEMOS, Álvaro Ferreira. 2010

MOREIRA NETO, Pedro Ribeiro. 2010